

Governo admite ajuste doloroso

O ministro da Fazenda admitiu ontem que o processo de ajuste que a economia brasileira está atravessando "é doloroso". Mas advertiu que "o sofrimento será maior" se os empresários dos setores produtivo e financeiro continuarem apostando num retorno ao passado. "Aqueles que pensam que podem pressionar porque acreditam que o País voltará ao status quo de antes vão ter dificuldades maiores ainda para se adaptarem à nova realidade de uma economia com inflação baixa", disse o ministro, durante café da manhã com parlamentares do PPR. Ele deixou claro que não acredita numa crise generalizada no meio empresarial devido às medidas de contenção de crédito e à política de juros altos adotadas pelo Governo.

As empresas dos setores produtivo e financeiro devem se preparar, na opinião de Malan, para uma reformulação completa das suas atividades. E aceitar, até mesmo, o fato de que em alguns casos terão que passar por um processo de fusão,

incorporação e melhor definição dos riscos de suas atividades. "As empresas terão que definir nichos de atuação nos mercados interno e externo e descobrir onde serão mais competitivas", destacou. E advertiu: "A indústria em geral assim como o setor financeiro terão que passar por um ajuste".

Malan amenizou o tom de voz para não confrontar com os parlamentares que condenaram os juros elevados, mas reforçou sua posição: "Sei que o processo é penoso, sei da dor e do sofrimento dos empresários", disse. "Mas isso faz parte do processo de mudança na economia".

O ministro da Fazenda lembrou à bancada do PPR que "o tempo todo" avisou que a economia passaria por um ajuste estrutural e que as empresas deveriam se preparar para o ajuste também. "Não se pode imaginar que o setor financeiro, que atuava com uma inflação anual de 5.000%, será o mesmo com uma inflação de 20% ao ano", comentou. Malan mandou um recado para os empresários. "Não acon-

selharia o setor empresarial a apostar que tudo voltará a ser como era antes".

O ministro rebateu as críticas do senador Eptácio Cafeteira (MA), líder do PPR no Senado, de que o juro elevado é um "remédio que pode matar o paciente". As dificuldades que algumas empresas estão enfrentando, agora, na avaliação de Malan, não podem ser atribuídas somente ao Plano Real. "Em vários casos, como o calçadista, as dificuldades não são fenômeno pós-real", disse. "São setores que já vinham enfrentando problemas, que foram acentuados pelo real", comentou, afastando qualquer possibilidade de uma crise generalizada em todos os setores empresariais.

O ministro usou algumas estatísticas para mostrar que o crescimento que ocorreu no primeiro trimestre deste ano "não era sustentável". De janeiro a março, a economia do País cresceu em torno de 10%, a indústria cresceu 15,5% e o comércio 28,5%.